

**ATLAS LINGUÍSTICOS DO BRASIL:
EXISTE PARASSINONÍMIA NOS ITENS LEXICAIS ?**

*LINGUISTIC ATLASES OF BRAZIL:
IS THERE PARASYNONYMY IN LEXICAL ITEMS?*

Maria do Socorro Silva de Aragão

RESUMO:

Uma das bases da Geografia Lingüística consiste no estudo das variações diatópicas, ou geográficas, ao nível do léxico. Nessas variações, como também nas fonéticas, se encontram as marcas delimitadoras dos falares regionais.

A afinidade de significados, como diz Pottier (1974, 1987), que é encontrada na parassinonímia, pode situar o falante em diferentes subsistemas como o espacial, temporal, situacional ou o de tecnicidade.

Neste trabalho apresentaremos alguns exemplos de itens lexicais parassinônimos nos Atlas Lingüísticos do Brasil.

Palavras-chave: Atlas Lingüísticos Regionais do Brasil; Variação Lexical; Parassinônimos.

ABSTRACT:

The bases of Linguistic Geography consists in the study of the diatopic variations, or geographic, in the lexical level. In these variations, as well in the phonetic variations, we find the delimited marks of regional speeches.

The affinity of significations, as says Pottier (1974,1987), that is found in the para-synonymy, can situate the speaker in different sub-system as the special, temporal, situational or of technical.

In this work we will present some examples of para-synonymies lexical items in the Linguistic Atlas of Brazil.

Keywords: *Regional Linguistic Atlas of Brazil; Lexical Variation; Para-synonymies.*

Introdução

Os estudiosos da semântica, desde tempos imemoriais, têm dado destaque particular ao problema da sinonímia e a partir desses estudos, questões as mais diversas são levantadas sobre a existência ou não de sinônimos. Se eles existem, como são definidos, como funcionam, qual o seu status, em termos cognitivos e ou afetivos, se eles são absolutos ou parciais, se estão limitados à denotação ou se ligados à conotação em cada contexto particular.

É a partir desses questionamentos e discussões que surge a noção de parassinônimos, quase sinônimos, sinônimos parciais e sinônimos em discurso, para designar “*termos de mesmo sentido porém onde as distribuições não são exatamente equivalentes*”, no dizer de Galisson e Coste (1976:399)¹.

Nosso trabalho procurará buscar, na literatura especializada, resposta à nossa questão primeira: São Parassinônimos os Itens Lexicais dos Atlas Linguísticos?

1. As Unidades Lexicais e sua Significação

Embora o estudo dos sinônimos e, conseqüentemente, dos parassinônimos, esteja ligado ao significado e logo, à semântica, a abordagem primeira, básica, tem que ser do léxico e, conseqüentemente, da lexicologia e da lexicografia.

Ullmann (1964:298) chega a dizer que “*As distinções entre sinônimos são um grande desafio ao engenho do lexicógrafo*”.²

Tal afirmação é confirmada por Barbosa (1998:19/20) quando diz que:

“Em qualquer das fases metodológicas de elaboração da macroestrutura, da microestrutura e dos processos de remissivas de uma obra lexicográfica e/ou terminológica, a aplicação das relações de significação, ou seja, das relações que se estabelecem entre o plano do conteúdo e o plano da expressão das unidades lexicais, é de fundamental importância”.³

Os tipos de relações de sentido existentes entre itens lexicais são determinados pela função dessas relações. Assim, o significado é uma função das relações de significado, como diz Lyons (1974:101)⁴

1 Galisson, Robert. / COSTE, D.(1976): *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachete, p. 399.

2 ULLMANN, Stephen. (1964): *Semantic: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 298.

3 BARBOSA, Maria Aparecida. (1998): Relações de significação nas unidades lexicais. In: CARVALHO, Nelly Medeiros / SILVA, Maria Emília Barcellos da. 1º ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA e TERMINOLOGIA DA ANPOLL. *Anais*. Recife: UFPE/CNPq, p. 19/20.

4 LYONS, John (1974): *Semântica estrutural*. Lisboa: Presença, p. 101.

Ao comentar as relações sinonímicas de sentido, Lopes (1976:255) diz que

“...o sentido dos elementos linguísticos é um sentido relacional” e é uma “conseqüência derivada do caráter estrutural dos signos.”⁵.

Complementando o pensamento ele afirma que:

“...a sino(nímia) não é, contrariamente ao que se crê, uma propriedade das palavras em si, mas é, isto sim, uma propriedade estrutural do código, ou melhor, das relações que instauram as estruturas”⁶

2. Sinonímia e Parassinonímia

As diferentes definições e delimitações da sinonímia partem de princípios e bases diversas, razão porque, dependendo do ponto de que se parte, essas definições ora se opõem, ora se complementam.

Para Crystal, (1988:453) a sinonímia é:

“ Termo usado na semântica com referência a um importante tipo de relação de sentido entre os itens lexicais: os itens lexicais que têm a mesma significação são sinônimos - estão em relação de sinonímia”.⁷

Lyons (1979:453) concorda com Crystal quando diz que a sinonímia é uma relação de sentido, mostrando que, neste caso, não é uma questão de referência. Segundo ele:

“Visto que a identidade de significado - a sinonímia - é uma relação que se estabelece entre duas ou mais unidades vocabulares, é uma questão de sentido e não de referência”.⁸

Acrescenta ele, ainda, que a “*sinonímia é estabelecida entre unidades lexicais e não entre sentidos*”.

Alguns autores ligam a sinonímia ao aspecto cognitivo, afetivo ou denotativo e conotativo. Esta visão é controversa uma vez que o sentido ficaria à mercê de aspectos subjetivos do emissor/receptor, o que seria por demais difícil para o lexicógrafo, por exemplo, elaborar suas definições e remissões.

5 LOPES, Edward (1976): *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, p. 255.

6 LOPES, Edward (1976): *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, p. 256.

7 CRYSTAL, David (1988): *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 453.

8 LYONS, John (1979): *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Nacional, p. 453.

A questão, e a discussão a partir dela, é se há sinônimos e nesse aspecto surge a noção de parassinônimo e suas demais denominações: sinônimo parcial, quase sinônimo, sinônimo incompleto, sinônimo de discurso e pseudo-sinônimo.

A certeza que todos têm é a de que **não há sinônimos perfeitos**, uma vez que os sememas de dois itens lexicais não cobrem totalmente um ao outro, ou seja, os semas genéricos, específicos e virtuais não podem ser totalmente iguais. Haverá sempre, pelo menos, um sema diferente, como diz Matthews (1997:367), ao definir sinonímia:

*“... relação entre duas unidades lexicais com um sentido compartilhado - sinônimo absoluto, se eles existem, têm significado idêntico em todos os aspectos e em todos os contextos”*⁹

Para ele o que existe são sinônimos parciais que:

*“... têm sentido idêntico em alguns contextos, ou idênticos apenas ao substituir um outro que não muda as condições de verdade de uma sentença”*¹⁰

Outro aspecto importante envolvido na discussão de sinonímia - parassinonímia, é a noção de contexto.

O contexto pode ser linguístico, mas, também, extra-linguístico, como o espacial ou geográfico, temporal, situacional ou técnico, por exemplo, em que a similaridade de dois itens lexicais pode ocorrer num desses e não se realizar em outros.

Ao definir parassinonímia Xavier e Mateus (1992:288), dizem que parassinônimos são os:

*“...termos que têm o mesmo significado, mas não têm distribuições exactamente equivalentes, i.e., que não são comutáveis em todos os contextos”*¹¹

Galisson e Coste (1976:399), acrescentam a isto o conceito de uso, emprego, registro e domínio da experiência, para fechar o conceito de parassinônimo:

*“ Por vezes, o desvio distribucional não é devido à especialização em domínios da experiência diversa, mas observa-se em registros de discurso diferente”*¹²

9 MATTEWS, Peter (1997): *The concise Oxford dictionary of linguistics*. Osford: Oxford University Press, p. 367.

10 MATTEWS, Peter. (1997):*The concise Oxford dictionary*. Oxford: Oxford University Press p. 368.

11 XAVIER, Maria Francisca / MATEUS, Maria Helena Mira (orgs.) (1992):*Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Cosmos, v. II, p. 288.

12 GALISSON, Robert / COSTE, D. (1976): *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachete, p. 399.

Finalmente, uma visão da parassinonímia em termos de relações de conjunto significante e conjunto significado nos dá Barbosa (1998:21), quando a define quando:

“...a dois ou mais elementos do conjunto significante, em relação de oposição disjuntiva, correspondem dois ou mais elementos do conjunto significado, estes em relação de oposição transitiva”¹³

3. Os Itens Lexicais dos Atlas Linguísticos e sua Relação de Significação

Uma das bases da Geografia Linguística é o estudo das variações diatópicas, ou geográficas, no nível do léxico. É nessas variações, como também nas fonéticas, onde se encontram as marcas delimitadoras dos falares regionais.

A afinidade de significados, como diz Pottier, que é encontrada na parassinonímia, pode situar o falante em diferentes subsistemas como o espacial, temporal, situacional ou de tecnicidade.

Para nosso objetivo trabalharemos em termos de contexto espacial.

3.1. Os Atlas Linguísticos Regionais do Brasil

Os Atlas Linguísticos publicados no Brasil, até a presente data, foram os seguintes: Atlas Prévio dos Falares Baianos, coordenado por Nelson Rossi; o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, coordenado por Mário Roberto Zágari; o Atlas Linguístico da Paraíba, coordenado por Maria do Socorro Silva de Aragão; o Atlas Linguístico de Sergipe, coordenado por Carlota Ferreira e o Atlas Linguístico do Paraná, coordenado por Vanderci de Andrade Aguilera.

Alguns Atlas estão em fase adiantada de elaboração, outros em fase inicial de elaboração. O Atlas Linguístico do Brasil - Projeto AliB, está em fase de preparação para a pesquisa de campo, que deverá ser iniciada ainda este ano.

3.2. Análise de Cartas Léxicas

Para nossa análise trabalharemos com itens lexicais de algumas cartas léxicas dos cinco Atlas brasileiros publicados.

3.2.1. Arco-íris

O conceito de **Barras coloridas que aparecem no céu, antes ou depois da chuva**, apresentou, nesses Atlas, as seguintes variações:

13 BARBOSA, Maria Aparecida. *Relações de significação nas unidades lexicais*. In: CARVALHO, Nelly Medeiros / SILVA, Maria Emilia Barcellos da (Orgs.) (1998): ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA e TERMINOLOGIA DA ANPOLL. *Anais*. Recife: UFPE/CNPq, p. 21.

a) Na Bahia

- Arco-íris Arco
- Arco-celeste Arco-da-velha
- Arco de velho Arco-de-boi
- Arco-da-aliança Sete-couros
- Barra-de-nuvem

b) Em Minas Gerais

- Arco-íris Arco-da-velha
- Arco-da-aliança Arco-do-sol
- Rabo-de-galo Olho-de-boi
- Mãe-d'água Rabo-de-pavão
- Navio

c) Na Paraíba

- Arco-íris Arco-celeste
- Olho-de-boi As barras
- Sub-dourada As torres
- Os véus Os vieiras
- Arco

d) Em Sergipe

- Arco-íris Arco-celeste
- Arco-da-velha Arco-de-boi
- Arco-de-velho Olho-de-boi

e) No Paraná

- Arco-íris Arco-da-aliança
- Arco-da-velha Arco-de-velho
- Arco-da-aliança de Jesus Arco-da-nova-aliança
- Aliança de Cristo com os homens

Das vinte e três variantes encontradas para a forma básica, arco-íris, ela foi a única encontrada em todas as regiões. Outras formas, como Arco-celeste, arco-da-velha, arco-da-aliança e arco-de-velho, são comuns a algumas regiões, mas não a todas.

3.2.2. Estrela Cadente

A questão referente a Estrela Cadente: **De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como chamam isso?** apresentou as seguintes variações:

a) Na Bahia

- | | |
|----------------------|---------|
| • Zelação | Velação |
| • Planeta | Cometa |
| • Estrela corredeira | |

b) Em Minas Gerais

- | | |
|-------------------|-----------|
| • Estrela cadente | Cometa |
| • Planeta | Papa-ceia |
| • Diamante | Zelação |
| • Estrela de rabo | Satélite |
| • Mãe-do-ouro | |

c) Na Paraíba

- | | |
|-------------------|--------------------|
| • Estrela cadente | Estrela dalva |
| • Planeta | Zelação |
| • Sete estrelas | Papa-ceia |
| • Viração | Mercúrio |
| • Barca | Rabisca |
| • Elevação | Estrela mariana |
| • Deus te abrande | Estrela se mudando |

d) No Paraná

- | | |
|-------------------|-----------------|
| • Mãe-de-ouro | Planeta |
| • Estrela de rabo | Satélite |
| • Cometa | Estrela da guia |
| • Aparelho | Diamante |

- Rabo de fogo Estrela do oriente
- Estrela Dalva Estrela guia
- Estrela corredeira Rabo de estrela

Num total de vinte e oito itens lexicais que formam as variantes para Estrela Cadente, apenas Planeta é encontrado nos quatro Atlas em que se encontra esta questão. A seguir, em termos de difusão para outras regiões, vem Cometa e Zelação. As demais formas aparecem em duas ou em uma das regiões.

3.2.3. Avarento

A questão referente a **pessoa que não gosta de gastar o seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar**, obteve as seguintes variações:

a) Na Bahia

- Avarento Canguinho
- Usurave Sovino
- Econômico Usurento
- Morto-de-fome Morto-a-fome
- Seguro Amarrado-por-detrás
- Pão-duro Mão-apertada
- Pechincheiro Usurento
- Somítico Agarrado

b) Na Paraíba

- Amarrado Unha-de-fome
- Pica-fumo Mesquinho
- Sovina Econômico
- Chula Fona
- Somítico Seguro
- Fominha Arrochado
- Morto-a-fome Usurário
- Morto-de-fome Papagaio-no-aramé
- Agarrado Enforcado
- Miserável Resina
- Dominado pelo dinheiro Amarrado que nem catarro na parede

c) Em Sergipe

- | | |
|----------------|--------------|
| • Pão-duro | Smítico |
| • Fona | Seguro |
| • Casquinha | Canguinha |
| • Morto-a-fome | Sovina |
| • Usurário | Unha-de-fome |

Das trinta e uma variações lexicais para avarento, apenas sovina (o), somítico, seguro e usurário, são comuns às três regiões pesquisadas. As demais formas encontram-se distribuídas de modo irregular entre as regiões.

As motivações semânticas de cada um dos itens lexicais encontrados não foram analisadas, uma vez que as pesquisas foram feitas há algum tempo atrás e, infelizmente, essa não foi uma questão abordada.

4. Considerações Finais

Ao nos propormos a trabalhar com as relações de significação dos itens lexicais dos Atlas Linguísticos Regionais do Brasil, partimos do questionamento se esses itens lexicais poderiam ser considerados sinônimos ou, ao contrário, se eles poderiam ser vistos como parassinônimos.

Após a leitura de vários autores das áreas de semântica, semiótica, lexicologia e lexicografia, com diferentes visões sobre o tema, chegamos à conclusão, concordando com esses autores, de que a questão da sinonímia é uma questão de gradação e de variação quer linguística, quer extralinguística, e que não há sinônimo perfeito, uma vez que o semema de nenhum item lexical recobre totalmente o semema de outro item.

Vimos, também, que a sinonímia não pode ser vista, apenas, como dois itens lexicais que têm o mesmo significado, mas ela deve ser analisada a partir das relações de significação como funções desses itens lexicais.

Respondendo à questão inicial, se os itens lexicais dos Atlas Linguísticos são parassinônimos, estamos seguros que sim, que cada um deles recobre realidades geográficas regionais diferentes, que se constituem em sub-sistemas marcados pela variação diatópica, já que diastraticamente as marcas da variação social - faixa etária, sexo e nível de escolarização, têm características semelhantes ou iguais

São, portanto, parassinônimas, sinônimos imperfeitos, quase sinônimos, sinônimos de discurso, pseudo-sinônimo, ou outro nome qualquer que lhe seja dado.

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. (1993): Atlas lingüístico do Paraná. Londrina: Universidade Estadual de Londrina.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de / BEZERRA DE MENEZES, Cleusa Palmeira (1984): Atlas lingüístico da Paraíba. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, v. 1, 2.
- BARBOSA, Maria Aparecida (1998): *Relações de significação nas unidades lexicais*. In: CARVALHO, Nelly Medeiros / SILVA, Maria Emília Barcellos da. (1998) 1º ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA e TERMILOGIA DA ANPOLL. Anais. Recife: UFPE/CNPq, p. 19/20.
- BENSE, Max / WALTHER, Elisabeth (1975): *La semiótica - guía alfabética*. Barcelona: Anagrama.
- BREKLE, Herbert E. (1974): *Sémantique*. Paris: Armand Colin.
- CRYSTAL, David (1988): *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FERREIRA, Carlota as Silveira / MOTA, Jacyra Andrade / FREITAS, Judith Mendes de Aguiar / ANDRADE, Nadja Maria Cruz de. / CARDOSO, Suzana Alice Marcelino / ROLLEMBERG, Vera Lúcia Sampaio, ROSSI, Nelson (1987): Atlas lingüístico de Sergipe. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- GALISSON, Robert / COSTE, D. (1976): *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachete.
- GREIMAS, Algirdas Julien (1973): *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix.
- ILARI, Rodolfo / GERALDI, João Wanderley (1985): *Semântica*. São Paulo: Ática.
- LEDENT, Roger (1974): *Comprendre la sémantique*. Verviers: Marabout Université.
- LOPES, Edward (1976): *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix.
- LYONS, John (1974): *Semântica estrutural*. Lisboa: Presença.
- LYONS, John (1979): *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Nacional.
- LYONS, John (1988): *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

MATTHEWS, Peter (1997): *The concise Oxford dictionary of linguistics*. Oxford: Oxford University Press.

POTTIER, Bernard (1978): *Linguística geral - Teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença/USU.

ROSSI, Nelson / ISENSEE, Dinah Maria Montenegro / FERREIRA, Carlota da Silveira (1963): *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL.

TODOROV, Tzvetan / BREMOND, Claude / FRIEDMANN, Georges / BOONS, Jean-Paul / DUBOIS, Jean / SUMPFF, Joseph / BARTHES, Roland / LAURA, Georges-Lanteri / TARDY, Michel (1972): *Semiologia e linguística*. Petrópolis: Vozes.

ULLMANN, Stephen (1964): *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

XAVIER, Maria Francisca / MATEUS, Maria Helena Mira (Orgs.) (1992): *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Cosmos, v. II.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio / (1977): *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.